

A Construção do Comunismo na U.R.S.S.

Tal como vimos já em relação à indústria, também em relação à agricultura a União Soviética se propõe até 1980 dar um salto extraordinário na sua produção.

As principais tarefas que na agricultura o povo soviético tem de cumprir são:

- o aumento da produção agrícola de modo a atingir a abundância dos géneros alimentícios de muito boa qualidade para o povo e das matérias primas para a indústria.
- a passagem gradual da aldeia soviética às relações sociais comunistas, na base dum grande desenvolvimento das forças produtivas da agricultura, eliminando no essencial as diferenças económicas, sociais e culturais entre a cidade e o campo.

Para atingir em 1980 uma produção total da agricultura 3 vezes e meia superior à de 1960, o Programa do P.C.U.S. salienta em especial a necessidade de alcançar um grande progresso na produção dos cereais, na criação do gado, na produtividade do trabalho, na mecanização e electrificação da agricultura e na técnica e na ciência agrícola.

Do Relatório sobre o Programa do P.C.U.S., apresentado por Nikita Kruchchev ao XXII Congresso retiramos o seguinte quadro sobre algumas das mais importantes produções agrícolas.

Produção agrícola de 1960 a 1980

	1960	1970	1980
Cereais (bilhões de puds) (um pud = 16,38 kg)	8,2	14	18-19
Carne (milhões de ton, peso de abate)	8,7	25	30-32
Leite (milhões de toneladas)	61,7	135	170-180
Ovos (bilhões)	27	68	110-116
Lã (milhões de toneladas)	35,7	800	1045-1155
Algodão bruto (milhões de toneladas)	4,3	8	10-11
Beterraba açucareira (industrial, milhões de toneladas)	57,4	86	98-108
Grãos oleaginosos (milhões de toneladas)	4,3	8	9-10
Batatas (milhões de toneladas)	84,8	140	156
Legumes e cucurbitáceas (milhões de ton)	19,2	47	55
Frutas, compreendendo bagas e uvas (milhões de toneladas)	4,9	28	55

Esse desenvolvimento extraordinário na produção agrícola está assente num estudo concreto das possibilidades soviéticas. É na base deste impetuoso desenvolvimento que o trabalho agrícola se tornará uma variedade do trabalho industrial.

O paraíso de Salazar

As courelas de Vieira de Leiria

Foi um dia de «grande festa». Veio o governador civil, o presidente da Junta de Colonização Interna, muitas autoridades militares, religiosos e até o secretário de Estado de Agricultura.

Houve discursos. O Estado Novo foi muito elogiado. «Que seria do povo se não fosse o Estado Novo», diziam os discursos. «Os elogios», diziam os outros. Estes agradeceram... e retribuíram. Um verdadeiro auto solene salazarista. De que se tratava? Simplesmente de passar a constituir oficialmente um grupo de operários de Vieira como proprietários de umas pequenas courelas que há com anos foram arrendados aos seus avós e três gerações tinham transformado de terreno bruto em terra de cultura. E foi esta festa, em que se pôs bem a claro a vida de sofrimento e dificuldades dos operários portugueses, que constituiu uma «grande jornada social»!

Interesses «sagrados»

De Janeiro a Junho do ano passado saíram de Angola cerca de 400 mil contos de diamantes destinados ao monopólio internacional De Beers. Recentemente, a Companhia do Caminho de Ferro de Benguela anunciou que os seus lucros em 1961 subiram a 220 mil contos, ou seja um terço do capital; a Tanyanyika Concessions, que dispôs de 90% das acções desta Companhia, embolsou mais de 14 mil contos de dividendos. E há ainda o algodão, o açúcar, o café, o cobre, o ferro, o sisal, etc...

Isto explica porque razão os soldados portugueses continuam a ser lançados contra as aldeias angolanas: é que os interesses em jogo são esmagados.

Anti-colonialistas ferrenhos...

No jornal do Porto «O Primeiro de Janeiro», ao receberem-se, certo dia, as provas vindas da censura, verificou-se com espanto que o censor tinha cortado a palavra COLÓNIA dum artigo que se referia à «colónia inglesa do Porto» e escrevera para a substituir a palavra PROVÍNCIA. Fez foi que no jornal não deixassem que o artigo saísse tal como fora censurado para todos verem a que ponto chego o anti-colonialismo salazarista...

MANIFESTAÇÕES DOS ESTUDANTES EM LISBOA

No dia 26 de Junho, fortes grupos de estudantes dirigiram-se para o Aljube a reclamar a libertação do seu colega Eurico Figueiredo. Como a polícia que ocupava todo o bairro os obrigasse a dispersar, os jovens seguiram para a Baixa onde organizaram uma vibrante manifestação arrastando o povo à sua pas-

sagem. Muitas centenas de manifestantes atravessaram a Baixa aos gritos de «Liberdade! Autonomia!» e subiram o Chiado, interrompendo o trânsito e chocando-se com a polícia.

No dia 28 nova manifestação se registou em Alfama, onde se concentraram uns 250 estudantes gritando estribilhos académicos e entrando em choque com a polícia que carregou brutalmente e fez diversas prisões.

Em resultado destas manifestações, os estudantes conseguiram a libertação de Eurico Figueiredo, que era uma das suas reivindicações imediatas. Este êxito parcial deve animar os estudantes a prosseguirem na linha de acção aprovada na última assembleia plenária realizada em 14 de Junho no I.S.T. Técnico. O fim da greve académica que já durava há mais de dois meses não significa que a luta tenha terminado: ela prossegue por outras formas, tendo em vista manter a unidade dos estudantes em torno das suas reivindicações.

Actuando unidos e com energia os estudantes conseguiram a anulação rápida das ilegais sanções disciplinares aplicadas a dezenas de colegas seus, abrindo assim o caminho para fazer triunfar as restantes reivindicações: reabertura das associações académicas e revogação do decreto 409/60.

Entretanto, novos exemplos de solidariedade foram dados pelos intelectuais portugueses: a concentração no ISCEF dos licenciados e professores de Económicas, que depois fizeram entrega de um texto com 133 assinaturas; o telegrama que 187 engenheiros enviaram à Presidência da República; a firme posição de 70 escritores e jornalistas que condenam numa exposição a repressão sobre os estudantes, etc.

Com a solidariedade de todos os sectores da população e com o apoio que lhes chega de todos os pontos do mundo, fortalecidos pela justiça da sua luta e pela sua unidade, os estudantes triunfarão contra as arbitrariedades fascistas.

Ao povo de Lisboa

Levando por diante o aumento dos bilhetes das transportes, a Carris e o governo procuraram demagogicamente paralisar o movimento de protesto da população, com as novas carreiras operárias.

É necessário que esta ofensiva monopolista encontre a resistência do Povo de Lisboa; a carestia não pára e se não houver uma resistência organizada novos aumentos se seguirão.

Organizemos exposições e concentrações na Câmara e na Carris contra o aumento dos bilhetes. Preparemos acções de protesto de todo o povo de Lisboa!

Com este número do «Avante!» sai um suplemento de rubricas no valor de 191.663320

A jornada de 28 de Maio

Como já noticiámos no último número do «Avante!», no dia 28 de Maio o Povo manifestou-se em vários pontos do País contra a ditadura. Destas acções, destaca-se a grande manifestação de Sevilha, em que participaram não centenas como dissemos no último número, mas milhares de pessoas que durante muitas horas conquistaram as ruas da cidade, enfrentando a polícia à pedrada e gritando: «Viva a Liberdade! Amnistia! Abaixo Salazar!» Na cidade reclama-se actualmente a libertação dos 70 manifestantes presos.

Também em Alpiarça se registou nova greve dos operários agrícolas e de grande parte dos operários industriais, apesar de nas ruas da vila se terem concentrado forças da G. N. R. de Alpiarça e Santarém que ameaçavam e insultavam os trabalhadores.

No Barreiro, onde muitos trabalhadores se apresentaram de luto, houve paralisação do trabalho por cinco minutos em diversas secções do CUF.

PORTUGAL E O MERCADO COMUM

O recente pedido do governo de Salazar para negociar com o Mercado Comum a sua entrada para esta organização constitui um passo mais para uma maior dependência económica e política em relação aos grandes senhores da Comunidade Económica Europeia (nome oficial do chamado Mercado Comum Europeu) — os revanchistas da Alemanha Ocidental.

O CONGRESSO MUNDIAL pelo desarmamento e a paz

(continuação da 1.ª pág.) abraçou um dos delegados das colónias portuguesas (estavam presentes representantes de Angola, Moçambique e Guiné).

No final do Congresso foi aprovada uma MENSAGEM AOS POVS DO MUNDO na qual se exorta todos os homens a defender incansavelmente a Paz e a lutar pelo Desarmamento. O grito: «HORA DE ACTUAR», transmitida por essa Mensagem, está percorrendo o mundo.

Também no nosso país tal grito ressoa. Aos partidários da Paz mais esclarecidos e combativos cabe divulgar as conclusões do Congresso, cabe unir e organizar a grande massa dos portugueses numa acção constante e de força crescente em defesa da Paz e pelo Desarmamento.

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente das 15,10 às 15,40 e das 22,15 às 22,45 em ondas curtas de 26, 31 e 32 m. e 26 metros respectivamente.

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21 horas pelas ondas de 16,19,31 e 19,25, 31 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20 às 20,30 h. e das 24,30 às 1 h. em 16,19 e 25 metros; e em ondas médias, em 235 metros.



UM NOVO CRIME

ANTÓNIO GRACIANO ADÂNGIO, de Aljustrel, assassinado no dia 28 de Abril nas ruas desta vila por uma rajada de metralhadora disparada pelo sargento Cavaco da GNR, durante um selvático ataque em que foi também morto o mineiro Francisco Madeira e ficaram feridos dezenas de homens, mulheres e crianças.

António Adângio era um jovem de 27 anos que trabalhava como mineiro na mina da Serra, perto de Aljustrel. Era membro do Partido e muito estimado entre os seus companheiros de trabalho.

OPERÁRIOS! FAÇAMOS REUNIÕES PARA DISCUTIR OS NOSSOS PROBLEMAS

Organizemo-nos e lutemos!

Recorrendo às grandes concentrações junto do patronato e nos sindicatos, apresentando-se todos unidos como um só homem, actuando com decisão e firmeza, os trabalhadores estão a impor com frequência as suas reivindicações. Hoje existem condições para que a luta por aumentos de salários se estenda de norte a sul do país e se transforme numa verdadeira campanha de luta operária contra a exploração, preparando o desencadeamento de novas lutas políticas.

Os corticeiros lutam por maiores salários

Os corticeiros continuam desmascarando a mentira do novo contrato. De vários lados chegaram-nos protestos dos que no fim de contas passaram a ganhar menos. Na verdade, ganhando já salários superiores aos mínimos só vêm aumentando agora os descontos, porque incidem sobre salários mínimos mais elevados.

A única vantagem do contrato foi um pequeno aumento nos dias de férias que agora passaram a ser de 6 dias para os que têm de 1 a 3 anos de trabalho, 9 dias para os de 3 a 6 anos e 12 dias para os que têm mais de 6 anos. Mas em relação a esta vantagem há muitos patrões que a "desconhecem".

Na Cova da Piedade alguns corticeiros foram ao sindicato para aí

defenderem os seus interesses. Quem os recebeu foi o empregado que procurou intimidá-los. Foram também protestar junto do I.N.T.P.

No Barreiro na fábrica do «Alema», o patrão disse que encerrava a fábrica. Os operários foram ao Sindicato protestar e, embora a G.N.R. tivesse aparecido para os intimidar, fizeram uma concentração na empresa e daí partiram para o centro do Barreiro. Depois destas acções o patrão anunciou que voltava a laborar.

Em Sines os operários de algumas secções da fábrica «Socor» decidiram, numa reunião, ir ao sindicato protestar contra o despedimento de algumas operárias e a ameaça do encerramento da fábrica. Assim fizeram, tendo conseguido que o patrão fizesse obrigado a pagar os dias em que os operários estiverem sem trabalho e a garantir 4 dias de trabalho por semana.

Operários corticeiros! Uní-vos e realizei reuniões para discutir as vossas aspirações e assentar na acção a emprender. Organizai-vos formando comissões por fábrica, por localidade e por região. Em frente pela conquista dum aumento geral de salários, pela conquista da semana de 44 horas, etc.

Os metalúrgicos conquistam aumentos de salários

Os operários metalúrgicos continuam a alargar o aumento de salários para outras empresas.

Na Companhia Nacional de Navegação cerca de 500 operários concentraram-se na gerência em 27 de Abril para reclamar aumento de salário. Como os patrões não os atendessem e mandassem prender 6 N.R., no dia 11 de Maio reali-

zou-se nova concentração e os trabalhadores obtiveram uma boa vitória, conquistando 8500 de aumento e a libertação do companheiro.

Na Companhia Colonial de Navegação e no «Grémio» (Almada) também foi conquistado o aumento de 8500.

É necessário estender muito mais a luta da classe metalúrgica.

OUTRAS ACÇÕES DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

NA CEIFA — No Alto Alentejo, dum modo geral, ao mesmo tempo que se conquistou o horário das 8 horas de trabalho conquistou-se a jornada de 40500. Em particular a zona de Alentejo é de 36500. Mas em Montargil há jornadas de 50500 e em Vendas Novas e Pegões jornadas de 45500.

No Baixo Alentejo, em muitos lados, também a jornada é de 40500. Na margem esquerda do Guadiana, onde ainda não foram conquistadas as 8 horas, a jornada é mais baixa: 30, 35 e 38500, embora em Aldeia Nova e Vale de Vargo haja jornadas de 40 e 45500 nos pequenos proprietários e rendeiros.

Em Rio de Molinhos como 80 celheiros estivessem sem trabalho, trabalhando as máquinas, foi eleito uma comissão de 20 homens que foi a Aljezur falar ao tenente da G.N.R. A tarde houve uma reunião de lavradores como presidente da Câmara, o tenente e três trabalhadores escolhidos pela Comissão dos 20. Um agrário garantiu trabalho para os 20 mas os 3 trabalhadores que estavam na reunião afirmaram que representavam 80 desempregados e assim conseguiram trabalho para todos.

GREVE EM ALMEIRIM — No dia 9 de Junho, ao terminar a semana, os trabalhadores que trabalhavam para o agrário Prudêncio exigiram 5500 por hora para a semana seguinte. O agrário disse que, depois de falar com outro, daria a resposta a 11, mas neste dia nem sequer apareceu. Enfiou os trabalhadores decidiram, com o apoio massivo do operariado agrícola da

terra, irem para a GREVE. Concentrando-se junto da ponte com as suas ferramentas não deixaram que ninguém fosse trabalhar.

Passado pouco tempo apareceu uma força da G.N.R. de Santarém que, com as espingardas apontadas e os metalhadores a obrigar os trabalhadores a dispersarem. A certa altura os guardas estavam cercados pelos trabalhadores que lhes diziam para terem calma porque simplesmente desejavam uma melhor jornada e as famílias deles também poderiam estar a lutar em outros lados com o mesmo objectivo.

O presidente da Câmara apareceu então armado em «paziguador» e ele, que tinha provavelmente chamado a G.N.R., pediu agora para que ela se fosse embora, tudo isto para enganar os trabalhadores.

Na verdade, este, a pedido do presidente da Câmara, foram trabalhar no dia seguinte pelo mesmo preço, 35500, embora com a promessa de ganharem na outra semana a 45500.

Operários agrícolas de Almeirim! A vossa unidade é fundamental para poderdes lutar com êxito pelas vossas justas aspirações. Mas é necessário também desmascarar as manobras do presidente da Câmara e firmemente reclamar o que pretendes.

Quer no Alentejo, quer no Ribatejo, começa um período de grande desemprego. É necessário que, bem unidos e organizados, os operários agrícolas, que bem recentemente travaram grandes batalhas pelas suas reivindicações, lutem firmemente contra o desemprego, por trabalho ou fio!

OUTRAS LUTAS

Nº ABEL PEREIRA DA FONSECA (Lisboa) os operários vinham de há meses lutando contra o pagamento de 10 em 10 dias estabelecido pela gerência, pois eram roubados a pretexto dos «arreduamentos» nos salários. Como uma exposição que enviaram com 400 assinaturas reclamando aumento de salários. A resposta do patrão, o tubarão Beirão da Velga, foi distribuir em 19 de Junho um inquérito para o pessoal dizer se quer perder algumas regras para passar a receber o seu valor no salário... Indignados, 60 operários dirigiram-se imediatamente à gerência para protestar contra a decisão e o patrão teve de parar. «Ihes que não reentraria as regras e que daria o aumento, o que até agora não fez».

NOS SERVIÇOS DE TRANSPORTES COLECTIVOS DO PORTO continuou a luta por aumento de salários. No dia 10 de Maio realizou-se nova concentração no sindicato, desta vez de 700 trabalhadores que exigiram a presença da comissão administrativa e a convocação dum assembleia geral com o objectivo de se preparar o novo contrato colectivo de trabalho.

Na FÁBRICA DE FERMENTOS HOLANDESES (Lisboa) a gerência respondeu às reclamações do pessoal com um aumento de 4000 e a promessa de mais 1000. Foi feita uma exposição imediatamente assinada por todos os operários em que se reclamava novo aumento.

Na SIPE (Caracavelos), depois dos moladores terem exigido e conseguido o pagamento dos prémios de produção, os 70 serralheiros recusaram-se a fazer mais horas extraordinárias enquanto não lhes fossem pagas as que estão em atraso. Os patrões tiveram que ceder mas despediram como represália cinco operários, pelo que existe grande descontentamento na empresa.

Em SINES dezenas de OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL reuniram-se para discutir a sua situação. Deixados os salários que tinham: carpinteiros 25500, pedreiros 45500 e carpinteiros 50500, decidiram pedir respectivamente 30, 50 e 60500. Em virtude da sua unidade e firmeza conquistaram esses salários.

A acção sindical

REFORÇA A UNIDADE E A LUTA DOS TRABALHADORES

Os trabalhadores dos carros eléctricos do Porto, os operários da Companhia dos Telefones, os corticeiros, os têxteis e muitas outras classes profissionais têm realizado nos últimos meses grandes concentrações nos sindicatos em apoio das suas reivindicações.

Estas experiências e os êxitos conseguidos demonstram o erro daqueles trabalhadores anti-fascistas que supõem que a luta sindical perdeu já o valor por estarmos a atravessar um período de grandes lutas políticas. A importância política da luta sindical não só não diminuiu como se torna cada vez maior à medida que se travam lutas mais decisivas contra o fascismo. Utilizando os sindicatos fascistas e conquistando as fortes posições podem os trabalhadores de vanguarda arrastar a massa dos seus companheiros a grandes lutas contra o fascismo.

Se é verdade que dentro dos Sindicatos Nacionais estão inimigos da classe operária (os rafeiros do patronato e da PIDE metidos em muitas direcções e nas comissões administrativas), é certo que uma acção ampla e unida dos trabalhadores pode combater as suas manobras e provocações.

A classe operária precisa de se lançar em grandes lutas económicas e políticas contra a ditadura de Salazar: esta é a maior exigência actual do movimento anti-fascista. Mas para arrastar às concentrações, às manifestações de rua, às paralizações e greves dezenas e centenas de milhares de operários, é preciso que se faça um trabalho em profundidade, que se desperte a consciência de classe de todos os trabalhadores dentro de cada fábrica e cada empresa; e isso não se conseguirá sem a ajuda da luta sindical, que tem condições para interessar a massa dos trabalhadores na de-

fesa activa dos seus interesses e direitos mais imediatos.

No princípio do próximo ano haverá eleições na maioria dos sindicatos. Será uma ocasião para a classe operária dar um grande passo em frente na actividade sindical, concorrendo em massa às assembleias, expulsando as direcções impostas pelo governo e fazendo eleger direcções formadas por trabalhadores honestos. Os milhares de trabalhadores que nos últimos meses intervieram nas assembleias gerais dos sindicatos dos têxteis do Porto e da Covilhã, do pessoal do Tráfego do Porto do Lisboa, dos Operários Químicos de Lisboa, dos empregados de Seguros de Lisboa, etc., viram mais uma vez pela sua experiência que é possível desmascarar as arbitrariedades e os roubos dos lacaios do I.N.T. e mesmo fazer eleger verdadeiras direcções para os sindicatos. A conquista de direcções honestas só por si não basta, mas ela permite que se desenvolva uma acção sindical diária, permanente, muito mais ampla, em apoio da luta reivindicatória.

Uma importante tarefa que se coloca actualmente a todos os trabalhadores conscientes é levar aos sindicatos a massa dos seus companheiros, interessando-os na defesa dos seus problemas e reivindicações. Isso torna possível um grande movimento em torno das eleições sindicais de princípios do próximo ano e o desencadeamento da luta sindical em maior escala, por todo o País.

Formemos nas fábricas e empresas comissões sindicais que orientem a luta dos trabalhadores nos seus sindicatos! Organizemos concentrações nos sindicatos para a defesa das reivindicações dos trabalhadores! Preparemos a apresentação de listas para as próximas eleições sindicais!

OS PRESOS POLITICOS precisam da nossa ajuda!

O que está a passar-se com os presos políticos revolta todos as pessoas com sentimentos humanos, é um sinal de alarme para que se intensifique urgentemente a acção contra os crimes do governo de Salazar.

Ao Forte de Caxias chegam constantemente as carinhais da PIDE com presos vindos dos interrogatórios num estado lastimável, com paralisias dos membros devido a pancadas, apresentando os olhos e a cara regos, alguns parecendo enervados; estes homens são metidos a monte nas furnas e casamatas onde dormem sobre palha. Também as mulheres não escapam à ferocidade da PIDE: Maria Galveias, do Conço, depois de ter estado onze dias na PIDE em tortura do sono e sofrendo espancamentos constantes, apareceu na cadeia com marcas negras por todo o corpo, sem se poder mexer nem comer. O mesmo aconteceu a Olímpia Brás e a outras mulheres do Conço que foram torturadas e espancadas por mulheres-

CONFERENCIA EUROPEIA pela Amnistia em Portugal

Aproxima-se a data em que se iniciará em Paris esta grande iniciativa de solidariedade ao povo português em luta. É urgente que por todos os meios alarguemos o movimento Pró-Amnistia em todo o País! Criemos comissões de apoio à Conferência, divulguemos elementos sobre a repressão em Portugal, enviemos saudações e cartas!

O DR. ARLINDO VICENTE EM LIBERDADE!

Finalmente no dia 13 de Julho saiu em liberdade o ilustre advogado e destacada personalidade política do nosso país, Dr. Arlindo Vicente, candidato à Presidência da República em 1958.

A sua arbitrária prisão em Setembro de 1961 (juntamente com outros democratas) teve como objectivo impedir a sua participação no pleito eleitoral que se aproximava. A longa prisão, o tratamento brutal que sofreu nas cadeias da Pide onde se teve de enfrentar a impossibilidade de se tratar, os consecutivos processos que lhe foram movidos e, finalmente o julgamento no plenário, tudo isso não é mais que o produto dum vil perseguição ao insigne democrata.

Ferreira Soares foi assassinado há 20 anos

O médico Dr. António Ferreira Soares, membro do Comité Regional do Porto do Partido Comunista Português, foi assassinado pelos agentes da PIDE Laranjeira, Coimbra e outros, no dia 4 de Julho de 1942.

A PIDE descobriu a terra da região de Espinho onde se refugiara da perseguição política e onde dava consultas. Conhecendo o prestígio de que gozava entre toda a população, que o defendia, a PIDE conseguiu chegar até ao nosso camarada utilizando o estratagemas dum doente que precisava de consultar o médico. Logo que foram introduzidos no consultório, os agentes dispararam sobre ele 14 tiros que lhe deram a morte. Tudo isto foi desmascarado depois numa farsa de julgamento em que os assassinos foram «absolvidos» pelos juízes salazaristas.

Ao assinalarmos o 20º aniversário deste crime apelamos para que todos os portugueses exijam o castigo dos assassinos da PIDE.

Castigo para os assassinos de José Dias Coelho!

pides. As operárias do Barreiro, Vitória, Domingas e Rosete, recentemente libertadas, sofreram também muitos espancamentos.

Entre as mulheres-pides que espancam as presas têm-se destacado duas: Madalena e Odete.

A grande maioria dos patriotas presos nas últimas manifestações,

Um apelo dos presos de Caxias

Num apelo que saiu em Maio clandestinamente da fortaleza de Caxias, os presos relatam os casos de torturas e espancamentos diários a que são submetidos na PIDE e a atenção da própria cadeia e chamam a atenção para o estado de saúde de Cândida Ventura, com um grave esgotamento cerebral e que já perdeu 12 quilos; Luísa, Paula, de 64 anos e em risco de vida se não for hospitalizada; António Ramalho, Bichirio e uma mulher de Alhandra sofrendo de perturbações nervosas e mentais; etc.

E o apelo conclui: «É no sentido de se impedir a continuação e a prática destes cruéis e desumanos métodos repressivos que nós, homens e mulheres presos na cadeia de Caxias por lutar em defesa da Paz, da Democracia e da Independência Nacional, dirigimos este apelo ao coração e à consciência dos portugueses e portuguesas de boa vontade, seja qual for a sua tendência ou ideologia. No mesmo sentido nós dirigimos também à Humanidade progressista».

«Fazêmo-lo não só em nosso nome, mas também no daqueles patriotas que pelos mesmos motivos se

têm sido totalmente cortadas as visitas de família, para a PIDE mais à vontade os poder submeter a torturas e espancamentos. Ao mesmo tempo, para tentar abafar os protestos dos presos, os carcereiros estabelecem na cadeia um ambiente de provocação, intimidação e castigos constantes.

encontram nas prisões privativas da PIDE, do Aljube de Lisboa, na Fortaleza de Peniche, e noutras cadeias às ordens da PIDE, Penitenciária, etc.»

«Para todos apelamos no sentido de se impedir a continuação dos espancamentos, torturas e assassinatos da PIDE; para que sejam revogadas as medidas de segurança ao abrigo das quais os presos são mantidos indefinidamente nas cadeias depois de terminadas as penas e para que seja promulgada uma ampla amnistia que abranja não só os patriotas presos, mas também os emigrados políticos no estrangeiro e para que possam voltar aos seus empregos e cargos as pessoas que deles foram afastadas por motivos políticos.»

A Fortaleza de Peniche

A brutal realidade do regime prisional nas cadeias políticas salazaristas, ainda hoje desconhecida de muitos portugueses, deve ser amplamente desmascarada para que contra ela se levante uma luta enérgica de todo o povo.

Enfim actualmente no Forte de Peniche perdura a continuação da prática dos submissos a um regime celular dos mais severos do mundo. Encerrados em estreitas celas individuais onde não chega o som da vida, mergulhados no silêncio e no solidão, tendo por único horizonte as quatro paredes de cimento, esses homens vão escorrendo um ano após ano uma vida inteira. Numa destas celas, está actualmente MANUEL RODRIGUES DA SILVA, grande patriota que desde 1936 já passou 22 anos nas prisões salazaristas. Numa outra destas celas encontra-se MANUEL GUEDES, antigo marinheiro, que faz este ano 15 anos de prisão. Noutra ainda está JOSE VITORIANO, operário corcineiro, com quase 70 anos, condenado a prisão perpétua, cumprindo 13 anos de cadeia. CARLOS COSTA, que de lá se evadiu em Janeiro de 1960, está agora ali encerrado em rigorosa isolamento, tem lá oito anos de prisão. Ao longo dos corredores, humidos e frios, por detrás das grades porta cadeias onde há um patriota que espera a liberdade: FRANCISCO DE SOUSA, AFONSO GREGO, RUI, CARLOS ABOIM INGLÉS, CARLOS BRITO, ADOLFO RAMOS, já com 3 anos de medidas; ORLANDO RAMOS, JOAQUIM CARREIRA, MARIO SENE, ANTONIO SANTO, JOSE ROLIM, JOSE RAIMUNDO, JOAQUIM VELEZ, JOSE SABOÇA, SEVERIANO FALCÃO, ANTONIO LIMA, LUIS MOURA, AGOSTINHO PACHECO, os advogados HUMBERTO LOPES e MANUEL DE ANDRADE e muitos outros, operários, camponeses e intelectuais, alguns dos mais destacados representantes da libertação do povo português.

Sob a orientação da PIDE, o regime prisional agrava-se de ano para ano. O cheiro dos guardas, Vilor Ramos, cuja conduta é de evidente nazista, tornar insuportável a vida aos presos; andou na guerra de Espanha e gosta de repetir que em sua unidade as cadeias se preservavam bem... Treinados por ele, os guardas tornam-se perseguidores implacáveis dos presos, como é o caso de Foulpe, Ricardo, Surredo, Rosa, Louzada, etc.

AJUDAMOS OS PRESOS POLITICOS! LUTEMOS PELA SUA LIBERTACAO!

Erquar por todo o país um poderoso movimento Pró-Amnistia é uma das tarefas essenciais da luta anti-fascista no momento actual. Formemos, por isso, a cada comitê e a cada grupo Pró-Amnistia! Organizemos um vasto movimento de solidariedade a cada preso político! Que escute o grito da Fortaleza de Peniche!

A independência DA ARGÉLIA

A mais rica Pátria da África foi reconhecida a independência: Argélia, Argéris, Búrdi (estes últimos antigas colónias Belgas).

A independência da Argélia é um acontecimento de grande significado político. A grande vitória do povo argelino, de todos os povos que lutam ou apoiem a luta contra o colonialismo. É uma grande derrota para os colonialistas franceses, para todos os imperialistas.

Ao heróico Partido Comunista Argelino que, como vanguarda da classe operária da Argélia, desempenhou na guerra pela independência a acção de extraordinária importância, a todo o povo argelino que tão bravamente lutou durante mais de 6 anos, de armas na mão, contra os opressores e os fascistas franceses, dirigimos as nossas calorosas saudações, e a grande vitória alcançada pelo povo argelino é uma mais prova de que o fim do colonialismo é uma necessidade histórica da época actual.

Salazar e os salazaristas não querem reconhecer essa realidade e com a sua política de repressão e grandes males ao nosso povo e ao nosso país.

A França é um país muito mais poderoso que Portugal, a Argélia situa-se muito próxima da França, a Argélia de Portugal, a ocupação francesa na Argélia era dez vezes mais numerosa que a portuguesa em Angola. E enfrentando os colonialistas organizados, foram obrigados a reconhecer, bem contra sua vontade, a independência ao povo argelino.

Os colonialistas portugueses também serão obrigados a reconhecer a independência de Angola e dos outros povos subjugados, desde que o povo português lute mais à luta dos povos coloniais, lute mais organizado, lute mais firme contra a guerra em Angola pelo regresso dos soldados expedicionários, pelo fim do fascismo em Portugal.



A disciplina é dum rigor intolerável. Tudo é regulado por apitos, ordens e gritos, o levantar e o deitar, as refeições e o recreio. Os presos não podem conversar senão no recreio e do modo o serem bem ouvidos pelos guardas. É proibido dar seja o que for a um companheiro, nem mesmo um cigarro; Agostinho Saboga foi castigado com 6 dias de segregado por ter dado uma laranja a outro preso. Os presos encontram sempre um motivo para provocar e castigar um preso: porque se deitou sobre a cama de dia, porque não se partilhou ao jantar o pão, porque se sorriu estando à mesa, etc.

As visitas fazem-se num parlatório que é um modelo de desumanidade. Não se permite a leitura e a escrita, não se pode falar senão em cima uma cadeira de vime e uma rede, sendo obrigados a falar alto para se ouvirem. Os guardas interêm nas conversas, interrompem as visitas e, se qualquer pretexto, tratando as famílias com a mesma rudeza com que tratam os presos. É frequente que pessoas que vieram com os direitos dos estrangeiros, não se familiar press tenham apenas 15 minutos de visita, quando a têm...

Como passem os presos os intermináveis dias, os presos não têm a liberdade limitada; os jornais diários são recheados para os presos não tomarem conhecimento de notícias políticas; não entram revistas, jornais, livros, etc. Não se pode estudar colectivamente nem ensinar seja o que for a um companheiro. Não há ordem para a mais pequena diversão. É proibido qualquer movimento de manifestação, os presos são vigiados diariamente. As cartas para a família são limitadas e com frequentes cortes da censura. Desta forma, os carcereiros não permitem manifestar os presos e transformá-los em farsas.

Nenhuns desses patriotas sabe quando chegará e fim da sua pena, pois estão todos condenados a uma vida de «separação». Mas em todos eles não morre a esperança de que a luta do nosso povo va avançar ao fundo da prisão e os traga finalmente para a liberdade.